

APRESENTAÇÃO

A presente edição da Revista Grau Zero, organizada pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, traz um dossiê temático voltado para pensar as relações e tensões entre literatura e periferia a partir dos novos espaços, novas vozes da cena literária brasileira contemporânea. Partimos da premissa de acolher trabalhos inéditos que se voltem para as representações/figurações periféricas na literatura brasileira contemporânea em suas múltiplas linguagens, a partir de construtos teóricos diversos, como a crítica literária, os estudos culturais, os estudos feministas, de raça, gênero e sexualidades, dentre outros.

Na virada do século XX para o XXI o campo literário brasileiro ganhou um novo campo de pesquisa: a periferia. Um novo cenário se forma em função de novos movimentos socioculturais da juventude periférica. Esses movimentos socioculturais se dão com a ruptura do campo literário na contemporaneidade, dois momentos marcam esse cenário: o primeiro é o lançamento do romance *Capão Pecado* (2000) do escritor Ferréz e o segundo momento, com mais penetração nos espaços periféricos, foi o surgimento do Sarau da Cooperifa (2000) que se alastrou por toda periferia paulistana e ganhou o país. Sérgio Vaz em *Manifesto da Antropofagia Periférica* (2007), diz que “a periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune”. A periferia se torna o palco de encontros culturais e literários, um espaço que só surgia nos noticiários pela ótica da violência, agora também aparece nas páginas culturais, mesmo à revelia de uma sociedade cada vez mais preconceituosa, que tem uma visão colonial, racista, machista, sexista, homofóbica, sorofóbica e estereotipada sobre pessoas e espaços que estão à margem.

Considerando a importância das culturas periféricas no cenário literário e cultural contemporâneo, propusemos o dossiê intitulado *(In)scrições periféricas: as vozes e os corpos rasurando o cânone literário brasileiro* recebeu artigos, ensaios e resenhas que versam sobre literatura e periferia em suas diversas linguagens e formas. Cabe ressaltar que a noção de periferia é tomada aqui não apenas pela noção geográfica de espaço, lugar afastado do centro, mas, sobretudo uma periferia cultural, que está afastada dos grandes centros culturais. Por isso, discussões que giram em torno das Literaturas Indígenas; Literatura negro-brasileira; Literatura LGBTQI-APN+; Literatura da Aids; dentre tantas outras vertentes que rasuram o cânone literário nacional e são aceitas nessa edição.

Assim, abrimos esse dossiê com o artigo *Cenografia literária no discurso periférico Nação Zumbi*, de Marcelino Freire, de autoria de Edmar Ferreira de Matos e Jarbas Vargas Nascimento que, como o título antecipa, toma a produção de Marcelino Freire para pensar a cenografia literária periférica como movimento estético, deslocando-se para autores marginalizados pelo cânone. Para tanto, os autores mobilizam a noção de cenografia periférica, entendida como uma dimensão polifônica enunciativa transgressora, que, a partir do tensionamento com *Nação Zumbi*, provoca rasuras no cânone, ao mesmo tempo em que faz emergir imagens de sujeitos articulados e firmados no espaço periférico.

Do mesmo modo, o artigo *Dualidade sacrificial: abandono social e violência em Marcelino Freire*, de Rubens Corgozinho, explora a prosa contística de Marcelino Freire para pensar dimensões dualísticas ancoradas no conceito de sacrifício voluntário. O autor atenta para como a prosa de Freire enreda abandono e violência como forças complementares. Essas que incidem nos entrelaçamentos de sua escrita, fato que provoca transformações nas quais as vozes dos sujeitos

marginalizados emergem como marcadores notáveis da realidade social entrecortada pelo abandono e violência.

Já em *Ex-cêntricos e exo-canônicos: a poesia oral do poetry slam*, de autoria da professora e pesquisadora Fabiana Oliveira de Souza, propõe uma reflexão sobre como o movimento artístico-literário *poetry slam* vem mobilizando sujeitos periféricos a ressignificarem as noções da produção poética contemporânea brasileira pelos mais diversos grupos sociais marginalizados. Tomando como objeto de estudo as produções de poemas de duas poetisas-*slammers* brasileiras, aliadas às suas performances, a autora coloca em xeque as noções tradicionais de literariedade ao confrontar uma compreensão conservadora e antiquada de produção poética validadas pelas culturas grafocêntricas. Além disso, digno de nota também é o fato de como a pesquisadora atesta a potência emancipatória de um movimento que recupera e reafirma a tradição das poéticas orais, sobretudo na dimensão performativa oral, firmada em um posicionamento marcadamente decolonial.

Em uma tônica semelhante, Mariana de Oliveira Costa amplia o debate sobre as possibilidades transformadoras produção poética-performática contemporânea brasileira seus desdobramentos com as questões de diversidade, representatividade, gênero e corpo em *Autorepresentação e verdade: dissidência sexual no poetry slam*. Para a pesquisadora, a dimensão plural, contestadora e fundamentalmente inscrita na corporeidade, configura-se como um território aberto indistintamente aos sujeitos e sujeitas, particularmente das mulheres lésbicas, isso na medida em que tomam para si os meios de produção, criação, recriação e autorrepresentação de si próprias. Atrelada às noções de alteridade e interseccionalidade, a força performativa dos corpos potencializa vozes outrora subalternizadas, ao mesmo tempo que irrompe espaços para a afirmação de corpos políticos.

O racismo, em suas mais perversas e aviltantes formas de atravessamento, é o mote proposto por Robson Batista Moraes para refletir sobre o contexto sociorracial moçambicano em *Análise do racismo no conto: Nós matamos o Cão-Tinhoso*. Moraes articula uma leitura crítica do conto do escritor Luís Bernardo Honwana, publicado em 1964, por meio do viés dos estudos culturais, com vistas a revelar de que maneira a falaciosa premissa de supremacia branca europeia da segregação dos povos, pela noção de ração, firmou as bases das mais variadas formas de expressão do racismo — opressão, desprezo e humilhação — persistentes até hoje nas mais diversas formas de comportamentos sociais e culturais.

A ancestralidade africana, evocada pela potência das memórias individuais e coletivas, configura-se nos fios condutores de *Um corpo que carrega saberes: memória e ancestralidade em "Sabela"*, de *Conceição Evaristo*, do professor e pesquisador Gabriel Vidinha Corrêa. Partindo da novela intitulada com o mesmo nome da personagem protagonista, Corrêa percorre os espaços mais recônditos dos matizes que compõem as escrevivências de Conceição Evaristo com vistas a dimensionar de que maneira marcadores sociais da diferença como classe, gênero e raça provocam fissuras no tecido social, isso quando arrolados às forças simbólicas inscritas nos corpos atravessados pela memória e ancestralidade constitutivas da cultura afro-brasileira.

A tensão entre sujeitos cujos corpos e histórias encontram-se peremptoriamente invisibilizados em uma arquitetura sócio-cultural apagadora dos marcadores sociais da diferença são o tema de *Barra Funda*, de *João Antonio: a arquitetura da violência*, de Maisa Cristina Santos e Rauer Ribeiro Rodrigues. Em uma leitura a contrapelo de *Barra Funda*, os autores assinalam como a noção marxista da identidade de classe e da mobilização da literatura pode operar como instrumental capaz de provocar dissonâncias no corpo social coletivo pela humanização, na qual a divisão estamen-

tal se converte em reconfiguração de paradigmas da desfragmentação dos seres.

Em *Literaturas subterrâneas: literaturas que circulam para além do cânone escolar*, do professor e pesquisador Sahmaroni Rodrigues de Olinda, traz à baila as rasuras infligidas nas materialidades do livro editado e canonizado nos espaços físicos e simbólicos da escola e academia, isso por meio da circulação de outras formas e materialidades literárias como os circuitos artísticos-literários produzidos por artistas de Fortaleza. Por meio de uma abordagem cartográfica dos inúmeros processos formativos e dos circuitos criados pela juventude artística “não legitimada” da capital do Ceará, o pesquisador mergulha no subterrâneo citadino para trazer à superfície uma plethora de materialidades artísticas e culturais, essas que circulam pela capital cearense em espaços mais diversos como ruas, saraus, feiras e centros culturais.

As rasuras epistêmicas também se configuram como o mote elegido por Paulo Gustavo da Costa e Cirlene Cristina de Sousa para avaliar os avanços no combate ao racismo no tecido social brasileiro em *Contribuições sócio-históricas do movimento negro: rasuras epistêmicas para uma pedagogia antirracista*. No lastro de um debate que aponta para os riscos de uma história única, os pesquisadores colocam em perspectiva histórica o fato de que não podemos perder de vista os avanços das políticas públicas no campo das questões étnico-raciais dos últimos anos, já que são resultados incontestáveis do pioneirismo dos movimentos que pautaram as lutas por uma educação antirracista. Todavia, salientam os autores acerca da necessidade de reavivar a todo momento o caráter dinâmico da resistência, o que evidencia a maneira como a compreensão desse passado histórico reafirma o imperativo e a urgência das lutas do presente.

Perspectiva histórica desponta também na abordagem escolhida pelo pesquisador Leomax Cardoso Machado para

refletir, contextualizar e propor uma leitura a contrapelo dos embates às ideologias eurocêntricas em *Educação (In)Sensível Amazônia nos anos de (1920-1950) do séc. XX: travessias de vida e vivências de Alfredo, do carocinho de Tucumã ao ginásio*. Enredando um conjunto de fragmentos da prosa ficcional do escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979), busca-se por meio do método dialético, através do tensionamento que rasura os limites impostos entre fatos e ficção, reconstruir imagens das vivências constitutivas do processo formativo e educacional ancoradas em saberes reveladores acerca de uma pedagogia do “(in)visível e (in)sensível” pouco conhecida pelos outros brasis sobre o vasto universo da Amazônia paraense do séc. XX.

O contexto de pluralidade e complexidade dos modos de produção e circulação dos artefatos culturais contemporâneos é inquestionavelmente aferido pelas reflexões de *Um mapeamento Riot Grrrl: práticas feministas em canções de protesto*, da professora e pesquisadora Juliana Miranda. Em estudo de orientação cartográfica, descortina-se um amplo panorama dos modos de produção de mulheres feministas inscritas na cena contemporânea da versão brasileira do fenômeno mundialmente conhecido como *Riot Grrrl*. O vasto catálogo de bandas brasileiras inscritas no movimento que mobiliza ativismo social desfaz qualquer noção preconcebida de produção cultural acrítica, assinalando para a urgência em ouvir as vozes e gritos que conclamam formas de subjetivação de matizes do feminismo nos espaços ditos alternativos.

Em *Jorge Amado e os estudos da cultura popular*, a pesquisadora Maria Lívia Ferreira dos Santos e da pesquisadora e também professora Márcia Rios da Silva propõem uma abordagem interseccional entre Geografia, Estudos Literários e Estudos de Cultura popular para pensar as materialidades constitutivas do feminino inscritas nas espacialidades da cidade de Salvador na prosa literária de Jorge Amado. Da mobilização de um conjunto de textos do escritor baiano, em tensi-

onamento com uma teia de reflexões de pensadoras contemporâneas, emerge uma rede de subjetividades incrustados tantos nas personagens quanto nos espaços transitados por elas e entrecortadas por dimensões identitárias, memorialistas, simbólicas e afetivas.

Ampliando o escopo do debate da cena cultural contemporânea diante das rasuras provocadas por uma produção artística transmidiática, Thiago Grisolia Fernandes propõe uma leitura da obra da artista brasileira Rosana Paulino no ensaio *Memória soterrada, diálogos ausentes: as palavras impossíveis de Rosana Paulino*. Com o objetivo de compreender o lugar da produção da artista brasileira circunscrito na história cultural afro-brasileira, o pesquisador constrói uma cena pontuada por apagamentos, silenciamentos, opressões e gestos de resistência atravessados por uma *poiesis* que visa a afirmar o lugar da mulher negra na formação histórico-social nacional.

Em *Memórias de um sobrevivente, o real e a ficção*, Thiago Lopes Schiffner explora como o escritor Luiz Alberto Mendes rasura os limites tênues entre fato e ficção por meio do romance autobiográfico. Entrecortada por uma cronologia de eventos enredados pelas memórias do narrador, que vão da tenra idade à vida adulta, emerge uma tocante crônica dos acontecimentos e da cena sócio-histórica brasileira das décadas de 1960-1970.

Transgressão e ruptura das formas, dos procedimentos narrativos e convenções da tradição literária compõem o *tour de force* mobilizado por Erivaldo Santos de Sousa em *Beno como representação transgressora em Al Berto na obra Lunário*. No lastro de uma escrita que eclipsa as fronteiras entre as instâncias autor, narrador e personagem, Souza explora a prosa labiríntica por meio das errâncias do escritor Al Berto, *nom de plume* de Alberto Raposo Pidwell Tavares que, em sua postura contestadora, irrompe contra todas as formas de convenção, sejam elas as normas de conduta e comporta-

mento social ou ainda contra toda e qualquer forma de normatização da experiência vivida.

Fugindo de uma perspectiva monocórdica cujo retrato da periferia restringe-se a um mero espaço social marcado pela violência, miséria e abandono material, *O que pode a periferia*, de Thabata S. Garcia M. Torres, expande os horizontes e limites socioespaciais da periferia e suas mais diversas formas de produção cultural e literária, essas que se afirmam como uma contraposição ao pensamento hegemônico cultural elitista. Por meio de uma ampla catalogação das mais variadas formas de expressão que vão das cenas musicais, batalhas de *slams*, rodas de rimas e toda sorte de produção narrativa, a pesquisadora lança um olhar atento e sensível ao deslocamento nos quais novas possibilidades do fazer cultural e literário têm conferido aos moradores de todos os tipos de marcadores sociais de diferença, o direito tanto ao espaço quanto a apropriação dos meios de produção cultural legitimados.

Por fim, fechamos o périplo dessa seção de artigos e ensaios retornando à *belle époque* amazônica com *Uma leitura de A Ninfa do Teatro Amazonas*, de autoria de Tatiana Cavalcante Fabem e Gilson Penalva. No conto do escritor Milton Hatoum, a reelaboração da ambiência soturna e da atmosfera de suspense dos contos de Edgar Allan Poe conferem o tom para uma recriação da *belle époque* amazonense na qual o estranho e o alegórico matizam como a modernização do espaço urbano, entrecortam-se pelas relações de poder e opressão de grupos subalternizados instaurando uma lógica de necropolítica.

Para essa edição, o professor e pesquisador Ari Lima compartilha a resenha de três livros de autoria da escritora Janaína Figueiredo dedicados ao público leitor infanto-juvenil, são eles: *O fuxico de Janaína*, em coautoria com Tata Kajalacy (ALETRIA, 2015); *Nós de axé* (ALETRIA, 2018), *Meu avô é um tata* (PALLAS, 2018). Para além da particularidade

de serem produções literárias voltadas para o público de jovens leitores e leitoras, os três livros são convites irrecusáveis aos leitores, independente das possíveis circunscrições a determinadas faixas etárias. Neles, há uma incursão no imaginário afro-brasileiro traçado por africanos escravizados no território brasileiro até o ano de 1888 e, ao mesmo tempo, recriadas por afrodescendentes até nossos dias atuais. Ou seja, tratam-se de obras fundamentais, nas quais “a ordem estética afro-orientada”, recoloca na pauta de nossas discussões identitárias, o papel da presença negra no Brasil, seja pelas memórias, tradições e lastros daqueles e daquelas trazidos para o território nacional na condição de escravizados e escravizadas, quanto milhares de afrodescendentes que integram a população brasileira. Juntamente com primorosas e coloridas ilustrações de Paulica Santos e Bruna Lubambo, a resenha de Lima revela a maneira como os livros articulam uma linguagem verbal e visual, matizadas por uma série de elementos míticos das tradições africanas com a finalidade sensibilizar sobre a urgência de assegurarmos a continuidade das tradições e práticas culturais e religiosas africanas. Muitas que, tantas vezes tão próximas de nossa experiência cotidiana imediata, ainda são precariamente vistas e devidamente entendidas e respeitadas.

O dossiê encerra com uma entrevista com o professor Dr. Sílvio Roberto de Oliveira (UNEB, Campus II, de Alagoinhas). Poeta e artista, o professor Sílvio Roberto desenvolve pesquisas na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e atuações em Língua Grega, Língua Latina e Língua Portuguesa, bem como em projetos de pesquisas e programas sobre Juventude, Ensino e Escola, atuando principalmente nos temas de linguagens, literatura, memória, negritude e quadrinhos. A entrevista foi concedida a Maurício Silva da Anunciação (Pós-Crítica/UNEB) e Paulo Sérgio Paz (Pós-Crítica/UNEB). Por meio das falas agudas e palavras certas, o professor, escritor, pesquisador e militante negro, Sílvio Roberto dissecou diversos assuntos que lhe foram provocados

de maneira honesta e, ao mesmo tempo, generosa. Dentre os temas abordados, destacam-se suas reflexões acerca da marcante presença de professores e professoras negras nas universidades, em especial a UNEB, local onde atua como professor há mais de 30 anos. O professor pondera ainda acerca de como o aumento significativo no quadro de docentes negros na universidade nas últimas três décadas provocou uma transformação substancial, tanto nas práticas quanto no próprio entendimento da função das universidades, particularmente aquelas localizadas no interior dos brasis. Sílvio considera que essa transformação não ocorreu de maneira pacífica, visto que é resultado de incontáveis lutas, sendo muitas delas travadas em espaços e por pessoas excluídas do acesso ao ensino superior. Como era de se esperar, Sílvio Roberto não se esquiva de temas polêmicos, quando provocado sobre as várias vertentes das literaturas contemporâneas, ele é agudo ao dizer que nessa pluralidade algumas nomenclaturas, conceitos e direções vão resolver umas coisas e outras não resolveram nossas demandas.

A todxs, entregamos esse dossiê feito por muitos corpos, vozes e mentes, e desejamos uma leitura instigante e inspiradora.

Maurício Silva da Anunciação
Mércia de Lima Amorim
Paulo Sérgio Paz
Organizadores